



NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: DIAS RUINS CONTADOS POR MIM A QUEM NÃO QUIS OUVIR

Palavras-Chave: RACISMO, VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA, NEGAÇÃO DE DIREITOS.

Autores(as):

LINDSAY OLIVEIRA DE SOUZA, Unicamp.

Prof^(a). Dr^(a). ANA LÚCIA GOULART DE FARIA, Orientadora, Unicamp.

INTRODUÇÃO:

Vivemos um tempo de apropriação cultural e opressão por parte das classes dominantes no Brasil, destacando que o ano 2021, ano esse no qual iniciei a escrita deste TCC, estávamos lidando com um governo totalmente fascista, autoritário, que classifica e exclui, que não respeita pessoas negras, mulheres e crianças, que não valoriza a educação e se limita apenas em ações irracionais, agressivas e violentas. Trata-se de um tempo em que o número de violência contra gênero, raça, cor, religião, principalmente contra mulheres e crianças cresce absurdamente, e seus agressores se escondem atrás desse sistema que raramente os puni.

Apresento nesta narrativa autobiográfica uma sequência de acontecimentos violentos e preconceituosos que marcaram a minha vida durante a minha infância, adolescência e na fase adulta também. Rememorando esses acontecimentos, busco refletir que não sou um caso isolado, e assim considero importante discutir temáticas como violência, negligência, descaso e omissão de atendimentos contra crianças e mulheres dentro e fora do contexto familiar, fazendo ponte com os dias atuais.

Dentro das minhas memórias realizo uma escrevivência inspirada por Conceição Evaristo em que escrevo de forma subjetiva a violência que sofri, e suas consequências durante todo meu percurso de vida. Neste relato quebro meu silêncio que prolongou meu sofrimento por tanto tempo, me colocando hoje como a vítima que fui, e protagonista da minha própria vida, protagonista essa que se compromete na luta pelos direitos e futuro de crianças que sofreram ou sofrem abuso ou violência sexual e física dentro de ambientes familiares.

As referências teóricas que embasaram minha escrita estão elencadas por mulheres negras e indígenas, mulheres feministas e marxistas, estudiosas e pesquisadoras sobre culturas infantis, violências familiares, e políticas públicas para educação num contexto geral. Dentre elas destaco Albuquerque (2022), Azevedo (2007), Evaristo (2008), Faria (2017), Fuks (2022), Gabriel (2011), Manus (2022), Hirata (2009), Mendes e Becker (2011), Rago (2013), hooks (2017), Whitaker (2002), Saffioti

(2004), Teles (2002; 2022). Destaco também Brandão (2020) e Freire (2000; 2019), referências masculinas bastante lidas e estudadas no meu percurso acadêmico na Unicamp.

Apresento ao longo da narrativa autobiográfica como foi a negação de direito e atendimento por parte dos órgãos competentes, me embasando no que apresenta a Constituição Federal do Brasil (1988) em seu artigo 227 que diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Levando-me a compreender o meu papel como futura pedagoga, tendo como referência algumas importantes professoras e um professor do ensino básico que cito como: Professora M, a professora mais incrível que conheci, e que através as suas práticas percebeu que algo incomum estava acontecendo comigo descobrindo assim a violência e o abuso que eu sofria em casa; se assemelhando ao que afirma hooks (2017) ao dizer que: “[...] o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um”, eu não estava de fato lá e ela descobriu o porquê. A professora L, fez com que minha dor e sofrimento se sobressaíssem em mim como algo bom, me transformando numa grande atleta. A professora G, através das suas práticas, encontrou meios para enfrentar minha agressividade por meio da música e muita reflexão. Professor E, foi meu primeiro encontro com o que eu cresci e aprendi a agredir, professor LGBT e negro, com suas práticas pedagógicas me ensinou a compreender a inúmeras diversidades que eu ainda ia encontrar, me mostrando reais motivos para aprender a respeitar, vencendo assim o meu preconceito estruturado desde minha nascença.

Ensinar exige mais do que a formação acadêmica nos apresenta, porque as questões humanas nascem a partir do querer, do respeitar e aceitar se for necessário. As práticas e metodologias das professoras e professor que cito, contribuíram para revelar as inúmeras situações cruéis que aconteciam comigo em especial, mas também chamou atenção e atraiu olhares para todos os demais presentes, deixando vir à tona mais casos como o meu, ou outros com outras dimensões. Neste capítulo o que me impulsionou a escrevê-lo foi a necessidade de um olhar mais específico da professora em sala de aula, e o papel social da escola na vida de muitas crianças e adolescentes.

A ideia principal do presente trabalho, é tentar influenciar de forma positiva futuras professoras em formação, a se libertarem de relacionamentos tóxicos, de agressões e violência doméstica, além de incentivá-las a busca pelo processo de cura por essas mesmas questões, a fim de que contribuam melhor no seu importante papel social na vida de crianças e adolescentes.

METODOLOGIA:

O procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa é a utilização da “escrivência” ou narrativa autobiográfica. A narrativa autobiográfica me foi apresentada no primeiro semestre do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Roraima em 2013, na disciplina História

da Educação, com a intenção de colaborar com uma atividade de memorial, porém se tratava da escrita do nosso percurso escolar até a sonhada faculdade. Aparentemente era algo descritivo, sobre escolas que estudamos, dificuldades que encontramos diante das possibilidades políticas da educação e como isso tudo nos afeta. O exercício era a organização da escrita no formato memorial e depois compartilhá-la numa roda coletiva. No entanto, isso foi como um início de cura, não só para mim, mas para quase toda turma. Violência, discriminação, racismo, criação por mães solas, pais ausentes e negligências foram assuntos que mais se destacavam a cada leitura feita, e casos como o meu de violência não foi diferente, apareceram alguns contados de várias nuances.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Este projeto propõe uma reflexão diante do papel docente e sua relevância diante de educandos expostos ao racismo e outras formas de violência física, psicológica e moral. Com a pretensão de analisar o “eu” antes de encarar o “outro”, sabendo que se soubéssemos como valorizar de onde estamos vindo, saberíamos para onde estamos indo ou até mesmo onde queremos chegar na nossa formação como futuras professoras. Querer chegar a um lugar ou a um propósito não é algo fácil, o percurso trilhado não é um caminho simples, assim como as violências que sofri. Respeitar o outro e a si mesmo é o primeiro passo na construção do “eu” presente. Ao mesmo tempo que nos preparamos para o profissional, nossa vida pessoal e social deve ser valorizada para assim reforçar nossas práticas e nossas lutas também.

CONCLUSÕES:

Tento todos os dias começar de novo, tento recomeçar de uma forma diferente, assertiva, reunindo forças que às vezes nem sei que tenho. É um fardo pesado demais que exige muito de mim. Enquanto lia minhas referências e escrevia minhas vivências, sofri e chorei, houve momentos em que voltei ao lugar dos acontecimentos de crueldade, de abusos, de agressões e claro de muita dor. Comecei a perceber que reproduzia tudo igual nos meus relacionamentos atuais sociais e familiares, e que de forma explícita ou implícita isto estava de fato enraizado em mim. O que parecia um momento de cura ou restauração me fez entender o quanto sou resistente, e quanto poderia sim ser modificadora da minha história e do meu eu, só precisava de direcionamento e alimentar de forma íntegra e cautelosa o que eu acreditava, mas de uma forma que não discrimine ou ofenda alguém como foi comigo.

Enquanto escrevo, estou narrando uma série de acontecimentos, onde minha mãe, minha avó, minhas irmãs e eu fomos agredidas, invadidas, abandonadas, desamparadas, negligenciadas. Trago relatos de momentos em que políticas públicas teriam feito diferença, talvez minha história tivesse seguido de forma mais amena ou menos dolorosa; mas nada disso aconteceu e sofremos severamente as consequências opressoras e omissas de todos que supostamente existem para proteger. Quando cito as leis, quero lembrá-los do quanto elas são necessárias, e quero que todos que leiam este as

conheçam e usem elas a seu favor, pois somos merecedores, você é merecedor dela, não importa sua cor ou credo, ou qualquer situação que tentem lhe desmerecer, se eu tivesse conhecido a lei quando criança, como é possível hoje talvez muita coisa teria sido evitada.

Minha esperança está nas muitas mulheres que lutam umas pelas outras, pelas professoras que dedicam tudo que aprendem dia após dia, pensando num lugar melhor para as crianças que nascem a cada minuto que se passa. Meu desejo é que sigamos inspirando, impulsionando, movendo estruturas, acreditando, resistindo e lutando pela nossa liberdade e nossos direitos.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Fabiane. **Cartas a um homem negro que amei**. Rio de Janeiro: Malê, 2022

AZEVEDO, Sandra. **Preconceito contra a mulher: Diferenças, poemas e corpos**. São Paulo/SP: Cortez,2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é a educação?** - Goiânia – Goiás: Editora Espaço Acadêmico, 2020.

BRASIL, **Constituição Da República Federativa Do Brasil**, Brasília, 5 de outubro de 1998.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro brasilidade: história e memória**. Revista Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Ideologia do livro didático**. - 17 ed. rev. e ampl.- São Paulo : Cortez, 2017. - (Coleção questões da nossa época; v. 61)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo. Paz e Terra,2000.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 2019.

FUKS, Rebeca. **Maria da Penha: Ativista Brasileira**. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/maria_da_penha/> . Acesso em: 22 out, 2022.

GABRIEL, Gilvete de Lima - **Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de si**. Os grupo-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente. Curitiba / PR - Brasil; Editora CRV, 2011.

HIRATA, Helena. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo/SP: Editora UNESP,2009

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. 2ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes,2017.

MANUS, Ruth. - **Guia prático antimachismo**. Rio de Janeiro: Sextante,2022

MENDES, Juliana Cavilha; BECKER, Simone; Entrevista com Heleieth Saffioti- UFSC, **Revista Estudos Feministas**, vol. 19 nº1, janeiro-abril, 2011, pp 143-165. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100012/18401>> . Acesso em: 1 jul. 2023.

ONU, Mulheres - **Diretrizes para atendimento em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos da pandemia da covid-19**. Brasília: julho,2020.

RAGO, Luzia Margareth - **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si mesmo e invenções da subjetividade** - Campinas, SP: Editora da Unicamp,2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Vanderlete Pereira. **Mães manauaras e a educação das crianças pequenininhas: pluralidades e resistência na cidade da floresta** – Tese de doutorado, Faculdade de Educação -Unicamp. Campinas, SP: 2021

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Feminismos, ações e história de mulheres**. São Paulo/SP, 2022.

TELES, Maria Amélia de Almeida. MELLO, Mônica de. **O que é a Violência contra a Mulher**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2002.

WHITAKER, Dulce C. A. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade - UNESP -Araraquara/SP: **Cadernos Cedes**, ano XXII, nº 56, abril/2002